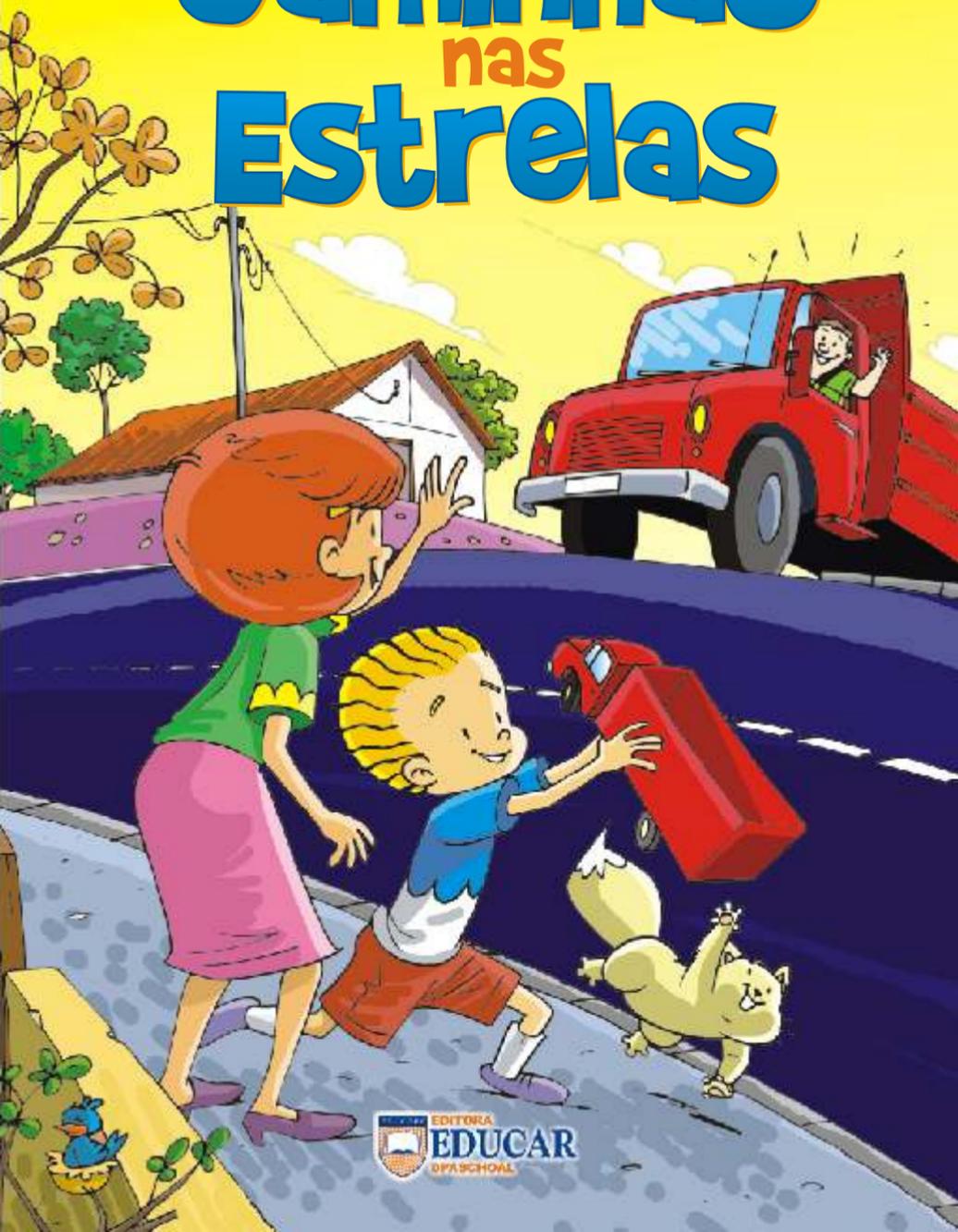


coleção
Pé na
estrada

Um Caminhão nas Estrelas



UM CAMINHÃO NAS ESTRELAS

Autor

Sandra Aymone

Coordenação Editorial

**Camila Bellenzani
Maria Fernanda Moscheta**

Ilustração

Pierre Trabbold

Revisão de texto

Marcos Marcionilo

Diagramação

Linea Creativa

Realização

Fundação EDUCAR DPaschoal

www.educardpaschoal.org.br

F: (19) 3728-8129

Esta coleção é uma homenagem ao nosso querido
colega Mateus, idealizador do projeto.

Todos os livros da Fundação EDUCAR são distribuídos
gratuitamente em escolas públicas, organizações sociais e bibliotecas.

Esta obra foi impressa em cartão royal 250g/ m² (capa) e offset 90g/m²,
no ano de 2004, com tiragem de 60.000 exemplares para esta 1ª edição.

Um Caminhão nas Estrelas



Sandra Aymone

— Olha só o que eu trouxe pra você!

Mateus pulou de alegria quando o pai lhe mostrou o caminhão de brinquedo mais bonito que ele já tinha visto! Era todo vermelho e tinha uns boizinhos de plástico na carroceria.

— O nome dele vai ser Valente! — disse o menino.

O pai de Mateus se chamava Fernando e era caminhoneiro. Quando ele chegava em casa era superlegal, pois tinha sempre um montão de histórias para contar sobre os lugares por onde passava!



— Pra onde você foi dessa vez, pai? — perguntou Mateus, arrumando os boizinhos no Valente.

— Ah, filhão, eu andei por um lugar fantástico, o Pantanal! Peguei a BR 070 em Barra do Garças e fui até uma cidade chamada Cáceres, que fica a uns duzentos quilômetros de Cuiabá. Cuiabá é a capital do Mato Grosso. Dizem que Cáceres é a porta de entrada do Pantanal...

Neste momento, Cida, mãe de Mateus, entrou na sala e abraçou o marido.





- Que saudades! — disseram os dois ao mesmo tempo.
- Como você demorou! — reclamou Cida.
- Tive um problema com o caminhão e atrasei um pouco.
- desculpou-se Fernando.
- Problema? — estranhou ela — Mas você não tinha feito a revisão antes da viagem?
- Claro que fiz! — respondeu o marido — Você sabe que não saio sem antes checar tudo! Mas ninguém está livre de um pneu furado... Ainda bem que eu estava dentro do limite de velocidade e não perdi o controle...

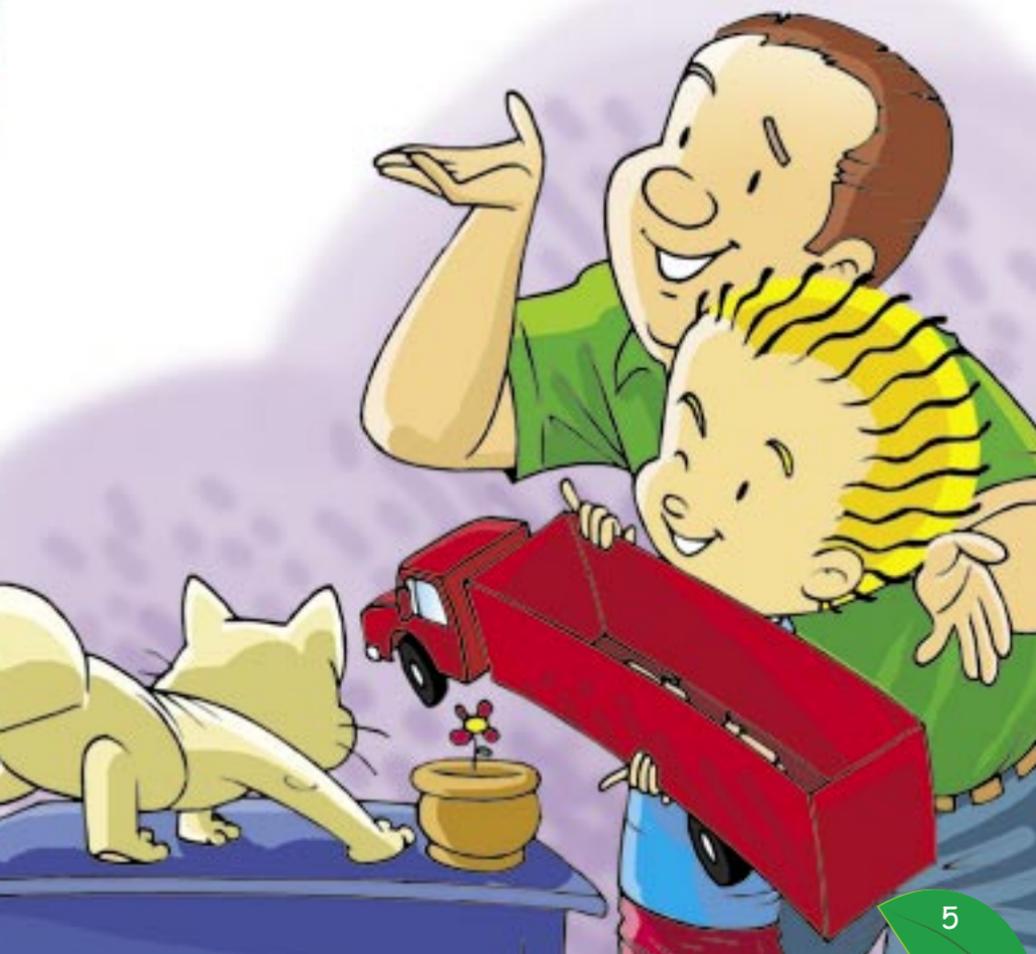
Mateus esperou os dois terminarem a conversa e perguntou, curioso:

— Pai, você viu alguma onça?

Fernando respondeu:

— Não vi, não. Sabe, filho, o Pantanal tem todo tipo de bicho, mas lá também se cria muito gado. E as fazendas às vezes não deixam espaço para os outros animais. É por isso que agora tem pouca onça. Isso mostra como é importante cuidar do ambiente e dos animais, para que eles possam continuar existindo sempre.

— Que ambiente é esse, pai?



— São as matas, o ar, os rios e todos os lugares onde os animais vivem. Lá tem muitos bichos: ariranha, arara, tucano, paca, tatu, jabuti. Tem também capivara, tamanduá, anta, tuiuiu, sucuri...

— Sucuri?! Aquela que engole um boi? — espantou-se de novo Mateus, abraçando o caminhão como se a cobra estivesse ali e fosse comer todos os seus boizinhos.



— Isso é linda! — riu de novo o pai — As sucuris são mesmo enormes e as maiores chegam a medir mais de oito metros. Apesar disso, até um homem é grande demais para ela engolir. A sucuri come veado, capivara, filhote de anta... E depois leva três meses dormindo, fazendo a digestão!

Nesse ponto, Cida entrou na conversa:

— E aposto que você também vai passar três meses digerindo o almoço, de tanto que vai comer o almoço que eu fiz!

Fernando fez cara de quem estava recebendo a melhor notícia do mundo. Antes de ir tomar um bom banho e trocar de roupa, combinou com o filho:

— Mais tarde a gente continua a nossa conversa!

Enquanto o pai tirava uma soneca, depois de saborear um frango assado, que veio acompanhado de arroz, feijão, farofa e legumes, Mateus aproveitou para fazer a lição da escola.



Quando Fernando acordou, Mateus brincava com o caminhão. Tinha deixado os boizinhos num "curral" e colocado um monte de pedrinhas na carroceria.

— Estou ficando cansado. Vou parar para tirar uma soneca! — dizia o menino, fingindo que era o motorista.

— Cuidado, — respondia o Valente a seu dono — aqui pode ser perigoso! Vamos parar num posto de gasolina, que é mais seguro!

Fernando achou graça na brincadeira e perguntou:

— Para onde vão essas pedras?

— Não são pedras, pai, é ouro que o Valente está levando!

— Ah, bom!... E você sabia que Cuiabá começou por causa do garimpo?





— Aquela região — contou o pai — tinha muitas jazidas de ouro. Os índios faziam vários enfeites com ele. Quem iniciou o povoado foram os bandeirantes paulistas, que procuravam ouro e pedras preciosas.

— E ainda tem índio por lá? — perguntou o menino.

— Muito pouco... E já perderam bastante da sua cultura. Muitos usam até roupas iguais às nossas, o que é uma pena. É preciso valorizar a cultura indígena, para que ela continue existindo. Você precisa ver o trabalho que os índios Cadiuéu fazem em cerâmica. São coisas lindas!

— Conte mais dos bichos! — pediu Mateus.

— Tá bom, filho. — concordou Fernando — Uma coisa que me impressionou muito foram os ninhais. É uma porção de ninhos, um pertinho do outro, uma coisa incrível! Tem garças, colhereiros, tuiuius e mais um monte de aves vivendo em comunidade.

— Já imaginou a algazarra quando nascem os filhotes e todos piam ao mesmo tempo? — lembrou dona Cida, rindo.





Durante o resto da tarde, Cida e Mateus ficaram ouvindo o que Fernando tinha para contar.

— Um dia nós vamos lá, todos juntos! — disse o pai.

Na hora de dormir, Mateus pediu uma história. Fernando lembrou-se de uma lenda que tinha ouvido numa das paradas, de uma senhora muito idosa, descendente de índios.

— Então vou contar como apareceram as estrelas.

“Uma vez, um curumim, que é um indiozinho, fez uma coisa feia. Ele estava na colheita com as mulheres da tribo e escondeu um montão de milho num bambu.”

“Voltou sozinho para a aldeia e pediu à avó que fizesse pão de milho para ele e seus amigos.

Ela fez e eles comeram. Depois disso, ficaram com medo do castigo que iam receber por não terem dividido o alimento com a tribo. Aí, resolveram fugir para o céu. Chamaram um beija-flor, deram-lhe um cipó bem comprido e pediram que ele prendesse a ponta no céu. Todos os meninos subiram pelo cipó.

Quando as mães voltaram e viram os meninos subindo, ficaram desesperadas e resolveram ir atrás.”





"Os curumins, então, cortaram a corda e as mães caíram. Cada uma que caía, se transformava num animal selvagem. Então Tupã condenou os indiozinhos a ficarem para sempre no céu, olhando o que tinham feito. Seus olhos são as estrelas."

Mateus dormiu com o Valente do lado, pensando que os indiozinhos deviam estar muito arrependidos do que tinham feito.

Aí, sonhou que dirigia o Valente pelo Pantanal. De repente, numa curva, encontrou um grande grupo de onças. Ficou com medo, mas elas chegaram bem de mansinho e pediram:

— Faça seu caminhão voar e leve a gente até o céu!

O pai de Mateus sempre dizia que era perigoso dar carona para estranhos. Mas nunca tinha dito nada sobre onças que sabiam falar...

Mateus deixou que elas subissem na carroceria. Mas Valente ficou muito pesado para voar.



As onças começaram um choro que não acabava mais...

Mateus, então, percebeu que elas eram as índias, mães dos curumins, que estavam querendo ir ver os seus filhos. Disse:

— Eu vou até o céu com o Valente e trago eles aqui!

Dito e feito. O caminhãozinho voou muito alto, até chegar às estrelas. Mateus disse aos curumins que embarcassem, porque as mães estavam chamando. Mas eles disseram que não podiam ir e deixar o céu sem estrelas.

Mateus pensou e teve uma idéia.



Logo estava de novo na mata, trazendo os meninos.

Cada indiozinho que descia, era uma onça que se transformava em gente de novo! Depois de muitos abraços e risos, uma mãe olhou para o céu e estranhou:

— Mas as estrelas ainda estão lá!

Mateus respondeu:

— É que eu deixei as lágrimas de vocês brilhando lá em cima...



Para que o Pantanal e o nosso meio ambiente continuem sempre bonitos, preste atenção nestas dicas:

Lembre-se de não jogar lixo em local inadequado. Ao viajar ou sair a passeio, leve sacos plásticos para recolher todo o lixo, não sujando as rodovias, praias, parques, matas e rios.

Não solte balões, pois eles causam risco de incêndios, que podem destruir florestas e os animais que vivem nelas.

Quando for pescar, não use tarrafas, redes de arrasto, figas ou armadilhas.

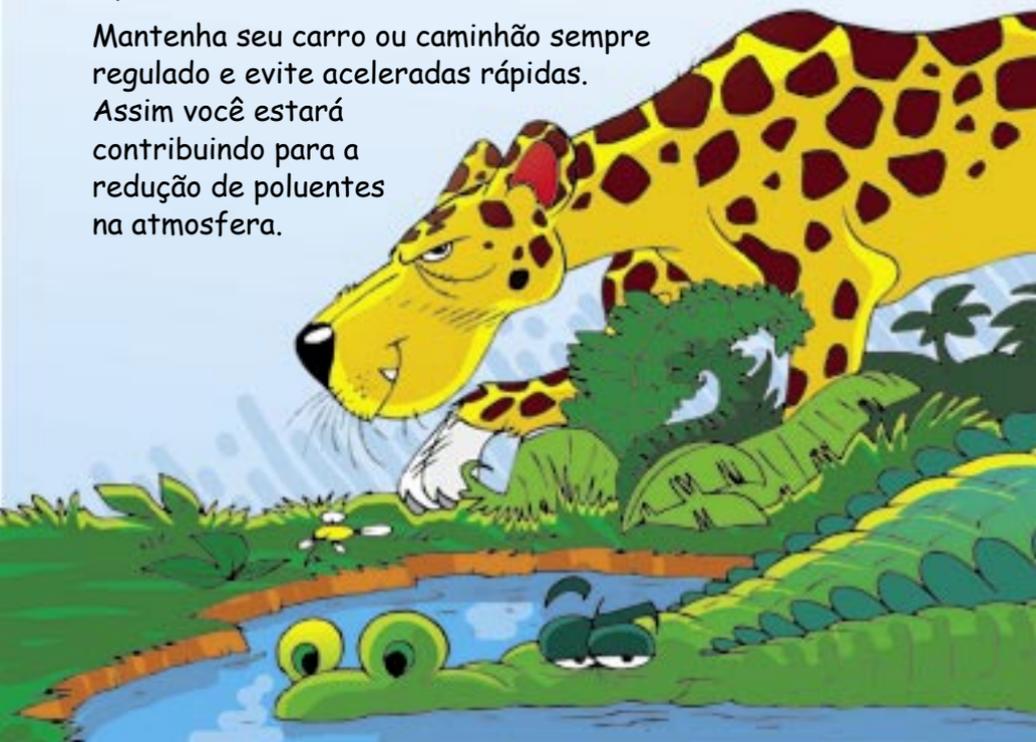
Informe-se sobre a época certa e obtenha permissão para pesca junto ao IBAMA.

Não corte a vegetação existente à beira de curso d'água (área de preservação permanente), lagoas nascentes, topo de montanhas, morros e serras.

A caça e o tráfico de animais silvestres são os principais responsáveis pela extinção de várias espécies. Uma das principais vítimas são as aves. Se souber de casos desse tipo, denuncie.

Mantenha seu carro ou caminhão sempre regulado e evite aceleradas rápidas.

Assim você estará contribuindo para a redução de poluentes na atmosfera.





www.educardpaschoal.com.br

Viaje por todo o mundo leia. Leia!



Agradecemos aos parceiros que investem em nosso projeto.

